



DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

O messianismo no Brasil

*Walter Pinheiro Guerra

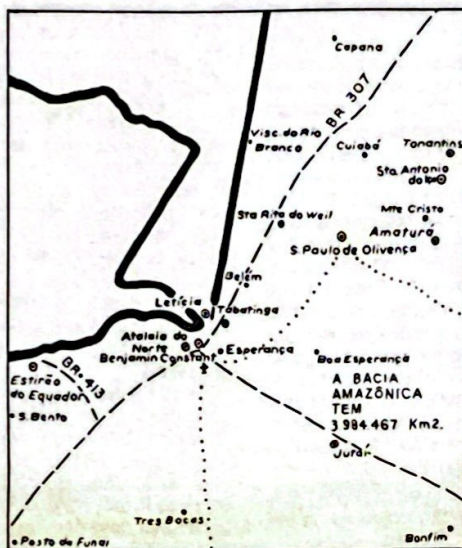
Há muito que nos interessamos por este problema que manifesta-se entre nós, em regiões diferentes. Alguns alcançaram grande repercussão, como em Canudos e no Contestado, ao passo que outros assumiram pouco interesse e foram de curta duração.

O magnífico vate Gonçalves Dias, em sua viagem ao Amazonas, deixou-nos o "Diário de uma Viagem" que realizou ao rio Negro, em 1861. Referiu-se ao "Cristo da Venezuela", que envolvia multidões indígenas naquele rio e seus afluentes. Anteriormente, Sousândrade, outro poeta maranhense, percorreu a região do rio Solimões entre 1858 e 1860, legando-nos seu original poema "Taterama", no qual incluía o "Cristo da Venezuela".

Franklin de Oliveira, em seu livro "A Espada e a Letra" - Ed. Paz e Terra - 1983 - Rio de Janeiro -, também abordou o tema. Da mesma data é "Saúde na Amazônia" - Anpes - São Paulo - 1983. Nele os pesquisadores (prof. Habib Frahia e Rubens da Silveira Brito), no capítulo referente à "Malária", assinalam que o Solimões, de uns tempos para cá, "assumiu lugar de destaque quanto à malária, por conta do nomadismo dos seringueiros, madeireiros e os índios ticunas."

Citam que tanto estes indígenas como outras pessoas tornaram-se seguidores do "Zé da Cruz", uma versão amazônica, "menos belicosa, do Conselheiro de Canudos". Intrigados com essa referência, quando há cerca de pouco mais de dois anos estivemos em Belém do Pará, pessoalmente indagamos de ambos os pesquisadores do Instituto Evandro Chagas a respeito desse mistificador. Informou-nos o prof. Frahia, pró-reitor da Universidade Federal do Pará, que anos antes partiu rumo àquele rio, a fim de efetuar pesquisas na região, colhendo esfregaços sanguíneos entre o povo da região.

Seu destino foi a cidade de Nova Belém, quando seu trabalho foi interrompido e seria estatisticamente incompleto, caso não colhesse o material de toda a população, já que não seria dotada de rigor científico. A população achava-se dividida entre duas crenças e separa-



das pelo rio que dividia a cidade em duas partes. De um lado, os católicos, enquanto a outra parte era de seguidores fanáticos do "Zé da Cruz".

De certa feita, tentara seduzir duas moças, que negaram-se a atender aos rogos de seu chefe espiritual. Contrariado, este rogara-lhes praga, afirmando que morreriam dentro em breve. Pouco depois, eis que surge um surto de sarampo e uma das moças faleceu em consequência de complicações patológicas.

O esperto líder valeu-se do acaso, certificando que a morte da donzela fora consequência de sua negativa em atender seus lúbricos desejos... Para por um paradeiro à situação, o comandante do Batalhão do Exército situado em Tabatinga, na fronteira Brasil-Colômbia, ordenou que o vigário local e o "Zé da Cruz" comparecessem ao comando da unidade, para que se entendessem, pondo um final à situação reinante.

O prof. Frahia viu então fotografias do líder carismático, e já falecido, em 1973, que, em muito, assemelhava-se ao Antônio Vicente Maciel, de Canudos: hábito branco, sandálias, barba crescida e o inseparável cajado! Desde último, em "Os Sertões", deixou-nos Euclides da Cunha modelar descrição de seu tipo físico e de seu comportamento perante seus adeptos. Retrato incomparável, culto

e inteligente, rotulou o Conselheiro como paranóico.

Inspirado no que dele disse, propusemo-nos a estudar com interesse sua afirmação. Pelo que dele disse e em consulta a vários tratadistas em Psiquiatria, um italiano, dois espanhóis, um americano e um francês, concluímos que fora acertado o diagnóstico euclidiano, salvo melhor juízo.

Consta que Euclides da Cunha, em sua longa espera em Salvador, antes de integrar o Estado-Maior do marechal Bittencourt e ministro da Guerra da época, convocado que fora para colocar as coisas em ordem, na Campanha de Canudos, mantivera contato com o prof. Nina Rodrigues, titular de Medicina Legal da antiga Faculdade de Medicina da Bahia. Inteligente e detentor de vasta cultura, com esse mestre abeberou-se de conhecimento de Psiquiatria Forense. Com êxito e forrado de conhecimentos que adquirira, arriscou-se no diagnóstico proposto para o Conselheiro. Convictos de seu acerto, com escrito denominado "Euclides da Cunha, o Conselheiro e a Psiquiatria", concorreram ao prêmio "José de Almeida Camargo", do Departamento de Cultura da Associação Paulista de Medicina, baseado no que a respeito externaram-se os eminentes autores internacionais que consultamos.

Fomos bafejados pela sorte,

recebendo-o no dia 25 de março último. Há cerca de pouco mais de um ano, conhecemos no Hospital Maternidade "Leonor Mendes de Barros", da LBA, o jovem médico, onde fazia Residência Médica, dr. Iri-neu Ângelo. Convocado para servir ao Exército, foi designado para a guarnição de Tabatinga, no Amazonas, quando relatou-nos parte de sua vivência na região. Fora incumbido pela Secretaria da Saúde do Amazonas para proceder à imunização dos habitantes da área com as vacinas habituais.

Dentre os locais que visitou em missão profissional esteve em Vila Santa, localizada num igarapé afluente do Solimões, onde foi recebido com extrema reserva. Conheceu a comunidade que vive sob o comando "espiritual" do "Zé das Neves", emulo do "Zé da Cruz" e seu "herdeiro espiritual".

O "Zé das Neves" foi soldado do Exército. Em sua população religiosa, dentre outras coisas, implantou um regime disciplinar extremamente severo, muito além do que exige de sua gente a disciplina militar. Com uniformes e graduações semelhantes às adotadas pelo nosso Exército, dividiu seus acólitos como tenentes, capitães etc. Em face da reserva existente, pouco pôde apurar. Tal como na Força Terrestre, ostentam nos uniformes estrelas que distinguem os postos. O chefe "Zé das Neves" exibe sete estrelas, quando um general do Exército Brasileiro ostenta, na platina, não mais do que quatro estrelas... Com suas sete estrelas, coloca-se acima de marechal, o mais elevado posto da reserva do Exército... Constatou que usava o epáule, erythroxilam coca, um similar da cocaína, em determinadas reuniões religiosas, erva nativa encontrada nas redondezas. No exercício de sua missão, teve de dirigir-se a uma ilha próxima. Encontrou como exilados casais adúlteros, que infringiram a disciplina reinante na comunidade.

Contaram-lhe, então, que lá foram atirados, sem quaisquer recursos, sobrevivendo ao sabor da sorte, por terem cedido aos prazeres carnaís. Contudo, estavam conformados, achando que seu chefe agira com acerto, diante da grave falta que cometeram, um pecado para o qual não havia perdão!

No dia 17 de março, o "Fantástico" exibiu uma reportagem sobre a Vila Santa, no Solimões, onde o "Zé das Neves" substituiu o "Zé da Cruz", no papel de condutor de almas entre cerca de quatrocentas pessoas que lá vivem atualmente. Acentuou o "Fantástico" aspectos da rigorosa disciplina imposta pelo pseudolider religioso. Os crentes estão submetidos a dez mandamentos, dentre os quais, são proibidos o fumo, o álcool, o corte de cabelo, o de banhar-se despido e outros mais.

As mulheres são discriminadas, permanecendo separadas dos homens quando fora do lar. A prece "Ave Maria" não é recitada entre aquela gente, em que pese ter sido a mãe de Jesus, mulher, e, como tal, discriminada. A religião ali praticada, assim como em Canudos, tem por base o catolicismo, ao qual juntaram-se crenças, mistificações e abusões, como acontece entre gente desprezada. As crianças são proibidas de brincar, sendo evidente as fisionomias tristes que denotavam. Leituras, só da Bíblia. Tudo vem confirmar o que viu e revelou o dr. Ângelo, que lá esteve. Tamanho é o poder de persuasão do "Zé das Neves" que a religião por ele idealizada estendeu-se a países vizinhos, nos quais conta com adeptos. Em seguida à longa espera, finalmente foi televisionado o famoso líder. É franzino, relativamente jovem, não vendo nele o repórter o mínimo traço carismático, nada que impressione. E, lá vem ele, apesar de jovem, com o cajado à mão, aparentemente desnecessário. Pura imitação do "Zé da Cruz" e do Conselheiro.

Apontam o prof. Frahia e seu colega Rubens da Silveira Brito que o "Zé da Cruz" era "menos belicoso" do que o Conselheiro. Todavia, a reportagem cita a existência, na localidade, de armas de fogo. O fato é que a situação preocupa o Governo, a Igreja e as Forças Armadas. Tanto que, o atual comandante da guarnição de Tabatinga, já exigiu a presença do "Zé das Neves" para explicar-se, tal como o fez, seu colega, ao tempo do "Zé da Cruz". Como frequentemente acontece, a história se repete...

* Walter Pinheiro Guerra é membro do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (I.G.H.M.B.).

Delascio, pere

* Arnaldo P. Delliverani

Há dias, após o meu café da manhã, iniciei a leitura do jornal "O Estado de S. Paulo", conforme minha rotina diária. Como é natural, começo sempre pela primeira página atentando-me a temas que despertem mais minha atenção, terminando invariably pela página de falecimentos. A noite anterior eu tinha ido dormir tarde, após viagem de volta de meu sítio em Serra Negra, onde passei com toda a família os feriados do Carnaval. Ao abrir, então, o jornal na referida página, tomei um choque - no meio da página em grandes letras me defronto com a notícia do falecimento de um grande e dileto amigo de infância, o professor Domingos Delascio, ocorrido no domingo anterior.

Como era de se esperar, fiquei estarelecido e estático por alguns minutos - neste momento chegou minha esposa, que ficou surpresa com a minha fisionomia. "Que foi que aconteceu, o que foi que você viu nesse jornal?", perguntou-me. Mostrei-lhe o anúncio. Ela que também nutria grande estima e admiração por ele, desde os tempos dos partos que foram assistidos com a proverbial dedicação e carinho que ele sempre dispensou a todas as suas pacientes, também ficou chocada, embora tentasse me consolar e dar explicações como, por exemplo, que "Delascio não vinha bem de saúde há algum tempo".

Conheci Domingos Delascio desde o tempo da escola primária. Morávamos naquele velho e conhecido bairro da Bela Vista em São Paulo, o "Bexiga". Os seus avós, como os meus, eram originários da mesma região da península itálica, como aliás a grande maioria dos habitantes deste tradicional rincão paulistano. Destes pioneiros, poucos provinham do norte, quase todos tinham ascendência da região meridional, onde João Batista Morgagni, da célebre Escola de Salerno, realizou a

primeira autópsia e dissecação em gênero humano de que se tinha notícia, nos prelúdios e albores da Idade Média. Os primeiros deixaram a histórica "bota", onde Roma fora o fulcro inicial da civilização, e aqui chegaram no início do século passado - seus filhos e descendentes deram a este Brasil paulistas ilustres e famosos, em todos os ramos da cultura e da atividade humana.

Desde menino, Delascio foi um grande apaixonado pelo estudo, manifestando sede e ansiedade pelo saber.

Quando iniciamos o curso ginasial no antigo Ginásio Nossa Senhora do Carmo, dirigido pelos irmãos Maristas, certo dia Delascio me perguntou que carreira pretendia eu seguir: "Medicina", respondi-lhe, pois além de gostar muito desta profissão, preciso atender ao pedido de meu pai, o qual, desde jovem e até o seu falecimento, sempre manifestara grande admiração e gratidão pelo grande Arnaldo Vieira de Carvalho, fundador da Faculdade de Medicina de São Paulo.

No ginásio, localizado não longe das nossas residências, ao qual nos dirigíamos a pé diariamente com outros alunos, ele galgou todas as séries, com distinção. Desde menino, Delascio foi um grande apaixonado pelo estudo, manifestando sede e ansiedade pelo saber. Não raro chegava ao exagero, pois não parava nem nos domingos e feriados. Nestes dias, costumávamos, com os demais coleguinhas, ir às matinês do cinema (era o velho Espéria). Certo dia estávamos esperando por ele, quando o vimos chegar com um livro no braço. "Que é isso, mas hoje é domingo!" atacamos todos. - "É que eu queria aproveitar os intervalos dos filmes para recordar um tema sobre o qual me

sinto fraco." É claro que não permitimos. Era costume naquele tempo as matinês exibirem três ou mais filmes, sendo um de cowboy. Durante os intervalos, a meninada sala para o sorvete, amendoim etc. e para comentar as cenas dos filmes.

As suas notas nos exames variavam de nove a dez, sistematicamente. Certa ocasião encontrei-o sério no recreio. "O que houve?", indaguei. "Imagine (disse-me), tive oito na prova de Geografia e eu respondi a todas as questões, que foram muito fáceis." - "Peça revisão de prova", respondi-lhe. Com ironia contei o fato a um professor que me perguntara por que o Mingo estava meio retraído. No dia seguinte, o professor procurou-o para dizer-lhe que tinha havido engano, a nota dele era 9,5.

Após brilhante curso ginasial, Delascio prestou o vestibular e não obstante o grande número de candidatos para tão poucas vagas, ele entrou facilmente na Faculdade de Medicina de São Paulo, a qual era a única do Estado na época. No primeiro ano, demonstrou grande interesse pelo estudo da Anatomia e pela Histologia, tornando-se, desde então, amigo do Prof. Lordy, amizade que perdurou até depois de formado, continuando este notável mestre nosso consultor, principalmente para os problemas relacionados à Histopatologia.

Durante todo o curso médico, Delascio estudava também nas férias, "preparando-se para o ano a seguir". Como não era muito ligado a esportes, festas, reuniões sociais, clubes etc. ficava coletando apontamentos, apostilas, livros relacionados às matérias do ano vindouro.

Após formado continuou o mesmo ritmo de vida e de estudo. Eu e Sylla Mattos (grande inesquecível amigo nosso) insistíamos para que dedicasse tempo a divertimentos, clubes etc., mas seu maior divertimento era o estudo. No início da carreira, quando ainda não dispunha

de condições para assinatura de revistas e aquisição de livros da especialidade, foi um grande "freguês" da biblioteca da Faculdade, à qual ia diariamente. Mas em pouco tempo passou a ser assinante de grande número de revistas nacionais e estrangeiras, contraindo contas astronômicas em várias livrarias.

Sua paixão pela Ginecologia e pela Obstetrícia iniciou-se nos últimos anos da Faculdade. Admirava os Prof.s Moraes Barros e Briquet. Após a docência de Obstetrícia, tornou-se grande amigo de Briquet. Durante todos os nossos concursos este extraordinário mestre nos auxiliava com a sua sabedoria, sua experiência e seus conselhos.

Certo dia, véspera do meu concurso, o professor me "telefona" (ele fazia parte da banca examinadora): "O senhor está ainda debruçado sobre os livros? Ninguém deve estudar nas vésperas, por isso eu o estou convidando para assistir a uma grande exposição de pintor famoso". Atônito, socorri-me de Delascio, que veio também conosco; passamos durante quase três horas apreciando telas famosas, uma por uma, e o professor nos explicando a respeito de cada. Levamos o professor para sua casa e ele despediu-se dizendo-me: "Agora você vai dormir tranquilo e convicto de que amanhã irá realizar uma brilhante prova." No dia seguinte, às 8 horas da manhã, eu iria enfrentar a 1.ª batalha, a prova escrita!

Candidatos a concurso até de Oftalmologia e Ortopedia levavam trabalhos e teses para sua apreciação crítica.

Delascio foi sempre amigo sincero, orgulhava-se das nossas vitórias, de nossos progressos. Tinha imenso prazer e satisfação em colaborar com todos os que o procuravam. Sua casa estava sempre cheia de colegas



O professor

que iam solicitar luzes de sua grande cultura e experiência até sobre temas de outras especialidades; candidatos a concurso até de Oftalmologia e Ortopedia e outras disciplinas, levavam seus trabalhos e teses para sua apreciação e crítica. Ele era, no seu apogeu, o verdadeiro "Papa" da Obstetriginoiatria Científica entre nós.

Naquela época, formávamos um grupo para reuniões e discussões científicas, com Credidio, Clemente, Ciari, Vinicius, Giordano, Morbin Jr., Luisi, este nosso patologista, e, por vezes, o Prof. Lacaz e Pedro Refinetti, pediatra, quando o tema tinha relação com as respectivas áreas. Formávamos como que seu "Estado Maior". Tinha especial carinho e amizade por Clemente de Moura, excelente e culto colega, com quem se reunia diariamente, após a "hora do almoço", para consultas de revistas alemãs da especialidade.

Na enfermaria de Ginecologia da Santa Casa as reuniões mensais eram sob a chefia e coordenação de Paulo de Godoy, que tanto nos ajudou e nos incentivou e a quem sempre dedicamos grande amizade e gratidão. Desde os tempos dos plantões dos sábados no PS da Santa Casa, Godoy foi para nós um pai, e os quarenta anos de Santa Casa foram inesquecíveis, pela in-

da irreparável



mingos Delascio

fluência que exerceram sobre nosso caráter, nossa formação médica, nossa cultura e nossa experiência cirúrgica. Jamais poderemos nos esquecer, que foi dentro daquelas paredes centenares e medievais que aprendemos o culto da humildade, do amor ao próximo, do sentimento de fraternidade e o apostolado da Medicina.

Delascio sempre demonstrou invejável capacidade e disposição para o trabalho, e sua atividade nos contagiava. Publicamos juntos e em colaboração com os demais integrantes da equipe um grande número de trabalhos científicos, a maioria de repercussão internacional. Certa vez eu fora chamado no bairro para atender a uma menina de cinco anos, a qual apresentava dores abdominais havia vários dias, exacerbando-se progressivamente. Fora examinada por diversos clínicos e pediatras. Relatei o caso a ele que de chofre me disse: "Fez toque retal?" Claro, respondi, e encontrei na fossa ilíaca tumoração volumosa cística, dolorosa, de superfície lisa e pouco móvel. "Estou preparando-a e vamos operá-la amanhã cedo", completei. "Não, opere hoje mesmo", respondeu ele. Encontramos, realmente, volumoso cisto ovariano, com contorção do pedículo, já com zonas de isquemia e necrose.

Pela raridade, na época, o primeiro caso do Brasil, e um dos únicos relatados na estatística mundial, realizamos profundo trabalho a respeito, que foi publicado na "Revista Paulista de Pediatria".

A esse tempo Delascio já havia conquistado duas docências de Ginecologia e de Obstetrícia e sua frequência à Santa Casa foi diminuindo pela falta de tempo, pois iniciara também, na mesma época, a chefia da Clínica Obstétrica (Prof. Álvaro Guimarães) da Escola Paulista de Medicina, em substituição a Wolf Netto, que falecia pouco tempo depois. Artur Wolf Netto era outro nosso grande colega e amigo, a quem admirávamos não só pela cultura, como também devido ao seu caráter ílibado, exemplo de conduta ética e moral; ele era para nós um príncipe da Obstetrícia.

Apesar da sua atividade incessante, não perdia um congresso médico da especialidade. Sua presença atraía multidões de colegas.

Desde então, a Escola Paulista passou a absorver mais tempo de Delascio, obrigando-o a comparecer menos à Santa Casa. Ali, eu passei a chefiar a sua equipe, que formava naquele tempo com Vinicius Toledo do Amaral, Caetano Giordano, Ciro Ciari Jr., Sebastião Piatto, Nilson Donadio, Akira Nishimura, Luiz Comano, Miguel Conrado, Hermenegildo Morbin Jr., João Sibilo Netto, Júlio Tedesco, Raul Leite de Souza, Maria de L. Salomão, Sérgio Del Campon, Nicolau Selvaggio, Rubens de Lucca, Eduardo Maffei, Osmar Tortosela, Luiz Martins Terreiro e outros, muitos dos quais hoje professores, mas todos expoentes da Ginecologia entre nós. Enquanto Delascio, já astro de primeira grandeza, continuava sua ascen-

dência meteórica, tornando-se titular de várias Faculdades. Não satisfeito, dirigia ainda a Maternidade Condesa Filomena Matarazzo e a Maternidade Leonor Mendes de Barros.

Apesar de sua atividade incessante, não perdia um congresso médico da especialidade, nos quais sua presença atraía multidões de colegas. Discutia sobre os temas, demonstrando experiência e cultura invejáveis, assim como firmava conceitos e diretrizes, que expunha com clareza e determinação.

Não esqueço daquela época quando, entre nós, ginecologistas ainda com a mentalidade remanescente da escola anglo-francesa, no tempo do "médico-operador-parteiro-especialista de senhoras", fase em que a Ginecologia ainda não se libertara totalmente da Cirurgia Geral, para erigir-se em especialidade autônoma. Consoante orientação da velha escola, "quase tudo era resolvido pelo bisturi", ou seja, cirurgicamente, e não raro cirurgia radical, conduta preferencial para resolução até dos processos inflamatórios. Após os trabalhos e publicações da escola alemã, comandada por Stoeckl, Fraenkl, Schroeder, Robert Meyer, Wertheim e outros, que propugnava pela conduta conservadora, mormente nos processos inflamatórios (a simples drenagem do fundo de saco vaginal posterior, aliada aos anti-inflamatórios seria suficiente) e, em raras situações, a complementação com radioterapia anti-inflamatória, resolvia na grande maioria dos casos. A situação mudou. Entre nós o grande arauto desses conhecimentos fora o prof. Nicolau Moraes Barros, o qual estigmatizou sua escola na célebre e lapidar frase "poupar o órgão por amor a sua função". Seus seguidores, principalmente com Medina, Godoy, Rudge, Sylla e outros, toda a sua escola, empreenderam verdadeira cruzada contra o intervencionismo destruidor que imperava. No nosso plantão do PS da Santa Casa, eu e Delascio víamos aumentar assustado-

amente o número daquelas infelizes, todas jovens, que apareciam em estado desesperador, e quando não morriam de peritonite permanciam com aquelas terríveis seqüelas, castradas, mutiladas, com fistulas urinárias, uretrais, ureterais, vesicais e intestinais, além da ausência da função genital, e, como prognóstico, sofrimentos físicos e psíquicos para toda a vida.

No seu apogeu, foi, sem dúvida, o maior ginecologista e obstetra que este País já teve. Seu nome jamais será esquecido.

Era o futuro que restava para as vítimas do "furo operandi". Em vista disso, nós decidimos apresentar numa das sessões do Departamento de Cirurgia da APM (Associação Paulista de Medicina) um trabalho sob o título "Conduta atual na rotura do piossalpingio em peritônio livre". Ao nosso desafiio acudiram grande número de ginecólogos e cirurgiões. A sessão constituiu-se numa verdadeira batalha com debates e discussões acaloradas, terminando noite adentro, tornando-se memorável nos anais da Associação. Os números da nossa casulística, com os irrefutáveis resultados favoráveis à nossa conduta, se impuseram ante os ainda renitentes conceitos arcaicos, antifisiológicos e até desumanos. Pouco tempo depois, o emprego das sulfas como anti-inflamatórios, e com a descoberta da penicilina e demais antibióticos, a Escola conservadora tornou-se totalmente vitoriosa, sepultando para sempre a orientação dos velhos especialistas.

Devido à sua forte personalidade externada em todas as discussões científicas e até nas suas magistrais aulas, mas principalmente nos congressos, Delascio investia com determinação e veemência diante dos erros e

omissões que lhe pareciam imperdoáveis. Havia ocasiões em que sua crítica parecia impiedosa e até contundente. Não obstante, tal modo de agir não continha nada de pessoal ou depreciativo contra ninguém, pois sempre procurou ser amigo e colaborar com todos. Mesmo assim, foi vítima de incompreensões e, não raro, inveja, de certos setores, mormente dos que desconheciam o seu caráter e o seu grande coração.

Apesar das suas inúmeras atribuições, e a sua grande clínica particular, Delascio não deixava de comparecer à Santa Casa, principalmente às reuniões científicas e cursos, pois jamais esquecera aquele lugar que fora o berço e o início da sua formação científica e profissional.

Encontrava tempo para tudo. Também não tinha vício, não bebia e não fumava, sendo reduzida a sua vida social. O pouco tempo que lhe restava dedicava-o à família. Não faz muito, teve o orgulho e a alegria de assistir à formatura de uma das filhas, a qual vem seguindo seus passos e agora terá a grande e difícil responsabilidade de herdar seus sucessos, seu talento, seus dotes intelectuais e morais, e seu nome.

A morte desse grande e insubstituível colega, trouxe irreparável perda para o Brasil e para a Medicina Paulista, pois no seu apogeu ele foi, sem sombra de dúvida, o maior ginecologista e o maior obstetra que este País já teve, e nós temos absoluta convicção de que o mundo, tão cedo, não verá surgir um novo Delascio. Seu nome jamais será esquecido, graças não só às aulas e conferências que proferiu durante mais de quarenta anos, como também pelas centenas de livros e trabalhos científicos publicados nas revistas da especialidade nacionais e estrangeiras.

* Arnaldo P. Deliveneri é professor livre-docente da Faculdade de Medicina de São Paulo e professor emérito da Faculdade de Medicina da Fundação Arnaldo Vieira de Carvalho, da Santa Casa de São Paulo.

São Paulo e Portugal

* Dulcio Crispim Farina

22 de Abril. Permite que um paulista e paulistano, por mercê de Deus, na afirmação do padre Diogo Feijó, faça-nos voltar aos dias da arribada da frota de Cabral a Porto Seguro e lembre o filho de Belmonte, hoje a fazer em Santarém, na igreja da Graça, em meio ao escudo das armas dos Portocarreros e Ribeiros, gente de nomeada, avoengos de sua mulher.

Trazia em verdade a saudade bem portuguesa e mais, muito mais. Sim, os lusos trouxeram juntos o município, como semente do Estado e a Santa Casa, como germe de assistência que deve-se às dores humildes. Das caravelas desembarcam ao mesmo tempo as insignias do Poder e as Obrigações da Caridade.

O português da época henriquina não é senão o gótico-romano, em continuidade da reconquista:

"O glória de mandar! O vã cobiça

desta vaidade a que chamamos fama" nas estrofes do herói de Ceuta, aquele que no esplendor do Gênio foi mais longe que o Gama, quanto este fora de Ulisses e Enéias. Uma força indômita impele o português, além

do desejo de tudo saber e tudo ver. Uma gente de um pequeno reino durante uma inolvidável hora do mundo foi guindada à primeira nação da Europa, à condutora da humanidade. A fé e o engenho da gente portuguesa faziam o rei de Cochim bradar a Duarte Pacheco: "Nom ha cousa no mundo que os Portugueses non façam, se quiserem". E o quiseram e ainda mais o fizeram... E surgiu esta Terra Brasilica e os seus anseios libertários. Transplantou-se em definitivo o "Pola Ley et pola grey", gêmeo do "Non Ducor Duco", timbre e brio da gente paulista.

Barcos e tripulações Cabralinas afrontam o ignoto e as intempéries, o mistério de velhas e novas doenças, a fome e a flecha do gentio. Acompanha-os a saudade da terra e do penates, mais a insidia de morbos desconhecidos e pestes de trato sem esperança, mais e principalmente o espírito de altivez e independência.

Pedro Álvares Cabral inicia a segunda viagem portuguesa à Índia, no dia 9 de março de 1500. Parte do Restelo com treze embarcações. A História guardou, com segurança, os nomes de três navios: "São Pedro", comandado por Pedro de Ataíde; "Anunciada", sob o comando de Nu-

no Leitão; e "El Rei", que tinha por comandante a Sancho de Tovar. A nau de Vasco de Ataíde desaparece nas águas da ilha de São Nicolau, no arquipélago de Cabo Verde.

Na armada navegam também Pero Vaz de Caminha, o da Carta, o escriba primeiro, e o físico mestre João, escultor pioneiro na terra de Vera Cruz a dizer ao rei que a terra avistada parecia já no mapa de Pero Vaz Bisagudo, que deve ser do terceiro quartel do século XV.

O filho de Fernão Cabral, senhor de Belmonte, Castelo Branco, onde se aquietava ainda torre de menagem ameaçada, chega ao monte Pascoal, como a montar Pégasos, cavalos mágicos alados, em mensagem ao novo mundo.

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.

Deus quiz que a terra fosse toda uma,

Que o mar unisse, já não se separasse.

Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,

E viu-se a terra inteira, de repente,

Surgiu redonda, do azul profundo.

(Fernando Pessoa)
Cabe-nos neste instante

difícil da Pátria estremeçada honrar as nossas ancestralidades, fiéis aos testemunhos e designios chegados nas velas pandas da armada de Dom Manoel, o Venturoso, a antecipar, numa antevisão de muitos séculos, as características essenciais d'alma brasileira: a generosidade primordial no homem brasileiro a expressar o sentir de um povo cuja feição dominante é a cordialidade, a cordura, ausência de discriminações sempre motivado pelas coisas do espírito e do coração. Raízes, atavismos advindos da gente da velha e excelsa Lusitânia, berço e nême de duas pátrias.

Comunidade luso-brasileira, latejam em vós as iminentes febricitações do labor, grandeza moral e pertinácia de uma gente, cerne de nossa nacionalidade.

São Paulo reverente vos exalta, em preitos e louvações. Pedro Álvares Cabral, início de Saga grandiloquente de um povo e de uma raça!

Que seus eflúvios envolvam o Brasil!

Que assim seja pelos tempos que hão de vir!

* Oração proferida na Câmara Municipal de São Paulo, na solenidade em homenagem à comunidade portuguesa local, no último dia 22 de abril.

Coluna do livro

Recebemos o livro **Fatos, A Tragédia do Conhecimento em Psicanálise**, de **Paulo César Sandler**, Ed. Imago, 1991. É livro para iniciados na psicanálise. De linha eclética, tende para o bionionismo, e dentro desta linha atrai o leitor da área, com interpretações sutis, inteligentes e adequadas dos conteúdos e dinâmica mentais do analista e do analisando, e também da relação que se estabelece entre ambos num consultório da especialidade. Com a característica própria da linguagem vinda do saber psicanalítico, o autor aborda variados pontos da matéria, entre eles o destino das idéias, a função antialfa e algumas questões de psicanálise: luto, pensamento esquizofrênico, casamento etc.

Para os afetos no assunto, é muito rico em ensinamento, sendo que o seu ponto alto, a nosso ver, é a clareza com que o autor aborda alguns aspectos da relação entre analista e analisando, para grande proveito do leitor atento.

O autor, renomado profissional, é médico formado na Casa de Arnaldo, pós-graduado em Medicina Preventiva, discípulo de Clóvis Martins. Um dos seus estudos nessa área, "Composição Familiar e Doença Mental", feito em conjunto com a sua esposa Ester Hadassa Sandler, obteve o Prêmio Osvaldo Cruz, em 1973. Psiquiatra de formação clássica, desenvolveu estudos na área da Psiquiatria Social e é membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, desde 1978. Tem vários trabalhos publicados. O lançamento do livro ocorreu em 17 de abril último.

No dia 10 de abril último, na avenida Europa, agência do Crefisul Banco, foi lançada a obra **Erro Médico**, de autoria do professor **Irany Novah Moraes**, Ed. Santos-Malteze, 1991. O autor é renomado mestre da Medicina. Escreveu vários livros, é colaborador do jornal "O Estado de S. Paulo" e deste Suplemento Cultural, diretor da revista Carisma-Formação do Médico, professor de Clínica Cirúrgica da Casa de Arnaldo, tendo exercido inúmeros cargos de projeção no meio médico e cultural do País. O livro que acaba de lançar deveria ser leitura obrigatória para todos os que direta ou indiretamente estão relacionados com o atendimento de pacientes. As enfermeiras, os pacientes, os atendentes, os médicos, os paramédicos etc. muito se beneficiariam da leitura da referida obra.

Ao evento compareceram inúmeras pessoas da Ciência e da Cultura. Entre os presentes, Dulcio Crispim Farina, presidente da Academia Paulista de História e membro da Academia Paulista de Letras; Miguel Reale, da Academia Brasileira e Paulista de Letras; Roque Spencer Maciel de Barros, filósofo; Paulo José da Costa Júnior, professor de Direito na Faculdade de Roma; Ivete Ferreira, professora de Direito Penal da USP; Matilde Hojda, juíza de Direito; Erwen Theodor Rosenthal, diretor da Faculdade de Filosofia; José Rodrigues Lousan, presidente da Academia de Medicina de São Paulo; José Garcia Morejon, membro da Real Academia de Letras de Espanha; Silvana Campos Moraes, procuradora do Município de São Paulo; Mateus Romeiro Neto, professor emérito da Casa de Arnaldo; Aracy Witt, diretora da Faculdade de Saúde Pública da USP; Lurdes de Freitas Carvalho, ex-superintendente do Hospital das Clínicas e Hospital Universitário da USP, além de Sílvia Marone, Joamel Bruno de Mello, Pedro Nahas, Marisa Campos Moraes Amato, Rui Barbosa Nogueira, Waldomiro Carvas Júnior, Carlos Henrique Ximenes, Amandio de Moraes Jr., Nabih Mitaini, Ada Pellegrine Grinover, Reinhold Ellert, inúmeros médicos da Casa de Arnaldo e da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. **G.A.P.**

De Carlos Alberto P. Rosa...



CORPO

A espátula nua a escolher tintas,
a desenhar o nu da alma, no nu da tela.
Angústia remexida, no remexer da tinta,
Movimento da alma, no mover da espátula.

Aos poucos os cabelos são soltos,
o rosto ressolto, os seios feitos.
Aos poucos o corpo soberbo, inteiro,
a mostrar o interior despido, na tela.

LÁGRIMAS

Você chegou chorando palavras
lágrimas escritas no rosto
Borrando o papel sobre a mesa

Meus olhos, surpresos, nos seus
Bem que seus dedos tentaram
Piorou, percebi no momento

Seus lábios sopraram, vento fraco
Secaram as palavras molhadas
E rimos muito, com lágrimas

Súbito o silêncio conjunto
Você olhou para a porta
Eu para as lágrimas escritas

GOTA A GOTA

O frasco no espaço, molhado.
Não o brilho dos cristais,
Mas o opaco do plástico,
No desesperado gota a gota.
(Tentativa inútil, morto está)

O banimento, suicídio lento,
Nas fumaças das cigarrilhas,
Bebidas, angústias mortais,
Trazidas, revividas nas sombras.

A chave universal tardou,
A alma perambula no quarto,
O corpo já não respira,
Se o faz, não o quer.
(Teimosas essas lágrimas, gota a gota)

DEPARTAMENTO CULTURAL

Carlos Alberto Salvatore - presidente

Anneliese R.F. Thon } Tertúlia
Carlos Kleber Canova

Cássio Ravaglia - Divulgação
Guido Arturo Palomba - Biblioteca
Walter Pinheiro Guerra - Biblioteca

Nélson Pedral Sampaio } Pinacoteca
Wanda Gonda